

O Serviço Militar Obrigatório, a República e o Futuro dos Estados Unidos

Adrian R. Lewis, Ph.D.



(Foto AP, Darren Abate)

Soldados ficam em posição de sentido durante o alistamento de novos recrutas do Exército dos EUA antes do jogo de futebol All American Bowl, em 3 de janeiro de 2009, no Alamodome, em San Antonio, Texas.

O EXÉRCITO DOS EUA e o Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) contam com um efetivo insuficiente para fazer tudo o que lhes pedimos e exigimos, enquanto o povo americano vive confortavelmente com uma mentira. A mentira é que as Forças Armadas dos EUA possuem homens e mulheres suficientes para fazer o seu trabalho, que a moral está alta e que a carga e as aflições são insignificantes. Contudo, o povo americano está desinformado sobre o que acontece nos campos de batalha e os soldados e os fuzileiros navais estão contrariados. Estão descontentes porque têm de servir por períodos prolongados no Iraque; porque as políticas que criam obstáculos

à baixa do serviço ativo impedem, muitas vezes, a concretização de seus sonhos; que existem tão poucos deles para implementar corretamente a doutrina de contrainsurgência; que suas famílias têm de se sacrificar muito devido a seus desdobramentos repetitivos; e, ainda, porque, embora muitos deles tenham servido duas ou mais vezes no Iraque ou no Afeganistão, muitos americanos da mesma idade não contribuíram em nada para o esforço de guerra. E isso acontece devido a um fato: os líderes políticos americanos decidiram colocar o peso total da Guerra contra o Terrorismo nos ombros de apenas uma pequena força profissional.

Isso gera mágoa, aflição e indignação. Contudo, o que os olhos não veem o coração não sente. O isolamento do povo americano em

relação às suas Forças Armadas aumentou consideravelmente desde a Guerra do Vietnã, dando ao mesmo a ilusão de que tem apenas um papel para desempenhar nas guerras da Nação: aquele de espectador. *O povo americano precisa convencer-se da necessidade de reinstaurar o serviço militar obrigatório.*

Alguns sustentam que isso não é possível, principalmente porque os Estados Unidos já não seriam uma nação coesa e unificada, e também porque os americanos possuiriam uma cultura muito pobre, sendo por demais consumistas. De acordo com essa escola de pensamento, a cultura de consumo produziu pessoas egoístas, incapazes de se sacrificar por um bem maior.

Adrian Lewis é professor de História na University of Kansas. Ele prestou serviço militar com o 2º Batalhão (Comandos), do 75º Regimento de Infantaria e como professor de História na Academia Militar dos EUA em West Point. Possui o título de

doutorado pela University of Chicago. Ele é o autor de: The American Culture of War: The History of U.S. Military Force from World War II to Operation Iraqi Freedom and Omaha Beach: A Flawed Victory.

Outros afirmam que o serviço militar obrigatório não é possível porque os líderes políticos e militares temem que o público possa restringir a sua liberdade de ação. Também temem que a vontade do povo seja tão fraca hoje como quando da guerra do Vietnã. Considere as palavras de Andrew no seu recente livro, *The Limits of Power*: (“Os Limites do Poder, em tradução livre”): “A esperança de que o restabelecimento do serviço militar obrigatório possa estimular novas políticas é semelhante à noção de que enfatizar o Cristo no Natal poderá restaurar a espiritualidade americana. Uma fantasia agradável, com uma vista panorâmica das forças que transformaram um feriado religioso em uma orgia de consumo, em primeiro lugar.¹ Essa afirmação revela o espírito do público americano nos tempos no século XXI.

O Exército e o Corpo de Fuzileiros Navais estão sobrecarregados, exigidos ao limite, muito além de suas capacidades. Os constantes desdobramentos estão desgastando nossos soldados, fuzileiros navais e suas famílias, física, psicológica e emocionalmente. Os Estados Unidos carecem da reserva estratégica para responder imediatamente às ameaças sérias. Como essa é uma questão de Segurança Nacional, o país precisa aumentar significativamente o efetivo do Exército e do Corpo de Fuzileiros Navais. A única maneira de fazer isso no ambiente político atual, social e econômico é reinstituindo o serviço militar obrigatório.

Embora haja muitos motivos para apoiar a conclusão de Bacevich, não podemos perder

...o povo americano tem apenas um papel para desempenhar nas guerras da Nação — aquele de espectador.

de vista um fato: *o povo americano não foi consultado sobre isso*. Não houve um debate nacional sobre o assunto. Aos líderes políticos falta a coragem de iniciar esse debate, enquanto

os líderes militares estão muito inseguros com relação ao povo americano e, ao mesmo tempo, acomodados demais com as forças profissionais para desafiar o status quo.

Nos primeiros anos após a Guerra do Vietnã, as Forças Armadas se tornaram um “agrupamento militar” (representando 0.5% das famílias americanas), um grupo profissional com seu próprio sistema exclusivo e conjunto de valores, éticas e crenças. Eles travaram as guerras dos Estados Unidos de 1973 até o presente. O fim do serviço militar obrigatório em 1973 afastou efetivamente o povo americano das guerras; sem dúvida, eles queriam ser afastados. A Guerra do Vietnã deixou no país uma atmosfera antimilitar, e isso permaneceu assim até que a administração Reagan começou a mudar essa mentalidade. Todavia, a administração Reagan não fez nenhum esforço para colocar o povo de volta na equação da guerra. O afastamento do povo das guerras enfrentadas pela Nação continua a ter ramificações significativas, e a falta de reconhecimento do resultado final tem sido calamitoso para as forças militares e a Segurança Nacional.

Depois dos atentados horrendos de 11/9 contra os Estados Unidos, a administração Bush declarou a “Guerra contra o Terrorismo”, promulgou uma nova doutrina estratégica agressiva de “guerra de preempção” (na realidade guerra preventiva) e comprometeu a Nação nas guerras do Afeganistão e do Iraque. Também desdobrou forças militares dos EUA em outras partes do mundo tais como no Chifre da África e nas Filipinas. A administração Bush dependeu das forças já existentes para travar essa guerra prolongada. Não mobilizou o povo americano para “uma luta longa e difícil”, embora insistisse em uma campanha de propaganda demagógica por medo de designá-la dessa forma. Com a sua visão maniqueísta de um mundo simplista e retórica belicosa, efetivamente, afastou seus aliados e lhes disse que não precisava deles.

Portanto, quase todo o ônus da assim chamada Guerra contra o Terrorismo recaiu sobre o Exército, o Corpo de Fuzileiros Navais, a Marinha, a Força Aérea, a Guarda Nacional e as Reservas profissionais regulares. O ônus fica com menos de 1% dos 300 milhões de americanos. Além disso, com o povo americano afastado da equação,

era mais fácil ir à guerra. Não havia medo de um movimento antiguerra como aquele que as administrações Johnson e Nixon experimentaram.

As guerras de Bush não são esforços nacionais em tal magnitude que despertem a ira de um grande número de pessoas. De fato, é errado dizer, “Os Estados Unidos estão em guerra”. É mais exato dizer que as forças militares dos Estados Unidos estão em guerra e que o povo americano é espectador, ou observador desinteressado. O povo americano não tem deveres, responsabilidades ou compromissos. De fato, depois de declarar a guerra, a administração Bush instituiu uma redução de impostos e disse ao povo americano para ir às compras. Bush nunca pediu ao povo americano para fazer, pelo menos, pequenos sacrifícios, nem apelou à sua boa índole. Apelou à avareza e ao auto-interesse. Isso não era a reação americana tradicional a uma guerra, e isso não era o papel tradicional de presidentes americanos em guerra.

Por que o Serviço Militar Obrigatório?

O Serviço Militar Obrigatório é necessário neste momento porque temos um número insuficiente de soldados e fuzileiros navais fazendo muito. Contudo, isso é apenas uma explicação parcial. As ameaças que os Estados Unidos enfrentam são reais, substanciais e crescentes. Uma parte da razão dessas ameaças é a inépcia no manejo de relações exteriores e políticas militares. A presença de forças americanas em várias partes do mundo, nos últimos 60 anos, criou estabilidade e prosperidade, favorecendo melhorias na economia desses povos, resguardando-os, ao mesmo tempo, de vizinhos agressores. Da Coreia à Europa, as forças americanas mantiveram o status quo. A retirada unilateral das forças americanas pelo Pentágono de Rumsfeld, embora necessária para alcançar as exigências crescentes das forças dos EUA no Oriente Médio, criou novos riscos de agressão. A reserva estratégica dos Estados Unidos agora consiste principalmente em poderes aéreos e navais. As forças terrestres dos EUA não podem responder adequadamente a novas ou velhas ameaças.

A doutrina de contrainsurgência dos EUA exige quatrocentos a quinhentos mil soldados em um país da dimensão geográfica e populacional



Força Aérea dos EUA, Sargento Cayce Cook

Um sargento da Força Aérea dos EUA na Base da Guarda Nacional Conjunta McEntire, Carolina do Sul, dirige-se aos novos recrutas durante a formação da manhã na reunião de treinamento da Unidade, 12 de julho de 2009.

do Iraque, mesmo assim, os Estados Unidos foram incapazes de formar e manter duzentos mil soldados lá. A estabilidade obtida nos anos recentes no Iraque é fraca, e o país provavelmente precisará da presença de grandes forças americanas por muitos anos.

O Talibã e o Al-Qaeda estão se recuperando no Afeganistão e no Paquistão, e os aliados da Otan fracassaram em prover as forças ou liderança necessárias para prevenir esse ressurgimento.

A estabilidade do governo na Coreia do Norte é incerta. Uma mudança na liderança parece estar em progresso. Isso sempre cria incerteza nas oligarquias, porque lhes faltam os sistemas institucionais e constitucionais para uma transição disciplinada de liderança; e a guerra às vezes parece ser uma opção viável para a consolidação do poder político. Mesmo assim, os Estados Unidos retiraram a maioria da 2ª Divisão de Infantaria da Coreia do Sul.

Não satisfeita com o status quo, a Rússia invadiu recentemente a Geórgia. A Rússia também trabalhou para desestabilizar o governo da Ucrânia e desafiou o planejamento americano de um sistema de defesa antimíssil na Europa oriental. Suas forças navais estão emergindo novamente como uma força substancial. Apesar disso, os Estados Unidos retiraram a maior parte de dois corpos de exército da Europa, e a Marinha dos EUA comprometeu recursos consideráveis na região do Golfo Pérsico.

Os Estados Unidos ainda são responsáveis pela segurança de Taiwan. A República Popular da China está rapidamente expandindo sua marinha, em particular sua frota de submarinos silenciosos a diesel, e melhorou sua capacidade de destruir satélites de comunicações. Também está modernizando suas forças terrestres. Mesmo assim, os Estados Unidos não retêm uma reserva estratégica substancial comprometida com a guerra convencional.

O Irã está desenvolvendo rapidamente as tecnologias nucleares e de mísseis e, segundo algumas estimativas, talvez possua os recursos para produzir armas nucleares e mísseis capazes de atingir a Europa em, aproximadamente, dois a cinco anos.

A reconciliação entre a Rússia e a China alinha duas das nações mais poderosas do planeta, sendo que ambas são aliadas do Irã e não têm afinidade com os Estados Unidos.

O Paquistão, um Estado que possui armas nucleares, passa por um período de instabilidade. Ao seu novo governo falta expressivo apoio público, além de estar sob pressão do Exército. A desintegração do governo do Paquistão influenciaria diretamente as decisões do governo da Índia, que também é uma potência nuclear.

Os americanos estão, também, encantados com sistemas de armas sofisticados e caros, que fazem crer na inverdade de que não são necessários efetivos maiores para o enfrentamento de guerras.

A Índia, também, experimenta instabilidade e ataques terroristas.

A influência americana na Europa declinou. A União Europeia está inadequadamente armada e muitas vezes parece mais disposta a lidar com a Rússia do que com os Estados Unidos. Isso é compreensível, dada sua dependência do petróleo e gás russos e à atitude indiferente e independente

da administração Bush. Os EUA não podem contar com a Europa ocidental para fornecer uma reserva estratégica de forças armadas.

O general George W. Casey, perante o Comitê das Forças Armadas do Senado, discutiu o desequilíbrio atual das forças americanas:

Embora permaneçamos uma força profissional flexível e comprometida, nosso Exército está desequilibrado por várias razões. A exigência atual para nossas forças excede a procura sustentável. Estamos ocupados no cumprimento das exigências da luta atual e somos incapazes de proporcionar forças prontas tão rápido quanto necessário para outras contingências potenciais. Nossos componentes da Reserva desempenham um papel operacional para o qual não foram preparados ou adequadamente providos de recursos. As exigências operacionais atuais para as forças disponíveis, e os períodos limitados entre desdobramentos tornam necessário um enfoque na contra-insurgência, com prejuízo da prontidão para a gama completa das missões militares. Os soldados, famílias e equipamento estão sobrecarregados e estressados pelas exigências de operações prolongadas e repetitivas, com tempo insuficiente para recuperação. Os sistemas de apoio do Exército, incluindo saúde, educação e sistemas de apoio à família, que foram planejados para a época pré-11/9, estão sofrendo sob a pressão de seis anos de guerra. Em geral, nossa prontidão é consumida logo que a criamos.²

Nenhuma organização terrorista, país em desenvolvimento ou Estado fracassado possuem recursos para causar mais que prejuízos modestos aos Estados Unidos. No entanto, a China, Rússia, Coreia do Norte, Irã e Paquistão podem alterar a situação internacional estratégica, dramaticamente. A simples presença de forças americanas bem equipadas, prontas e treinadas cria a estabilidade, detém uma agressão e é a evidência do compromisso dos EUA com a paz. A ausência das forças americanas é um convite para a agressão. Os Estados Unidos precisam manter uma reserva estratégica significativa de forças terrestres prontas para organizar e executar operações convencionais, além de manter uma presença marcante de forças terrestres em várias regiões para prevenir uma possível guerra.

A administração Bush sobrecarregou as forças americanas e criou vulnerabilidades. Ela

desperdiçou muitas oportunidades de diminuir as ameaças e adquirir aliados verdadeiros. A administração Obama herdou essa situação. Ela precisa restaurar o equilíbrio, e a única maneira de fazer isso sem sacrificar nossos ganhos no Iraque e no Afeganistão é aumentar significativamente o tamanho das forças terrestres americanas.

Não entramos em um novo ambiente. Estivemos nesta situação antes. Os Estados Unidos têm uma história longa de conscrição. O serviço militar obrigatório foi a resposta da Nação para as guerras de grandes efetivos, desde a Guerra Civil. Em 2006, escrevi:

Muitos americanos acreditam que é errado um pequeno “agrupamento militar” sofrer o ônus inteiro da guerra enquanto o restante dos EUA não faz nada. Portanto, houve chamados pela restituição do serviço militar obrigatório. À medida que a necessidade de forças americanas por todo o mundo aumenta, o que é bem compreensível após os atentados de 11 de setembro de 2001, os argumentos e exigências para a restituição do serviço militar obrigatório também aumentarão. No final de 2005, o Exército e o Corpo de Fuzileiros Navais estavam sobrecarregados, tentando fazer mais do que o razoavelmente viável com os níveis de tropas atuais.³

Obviamente, eu estava errado, pelo menos em parte. As exigências pelas forças militares dos EUA em várias partes do mundo aumentaram. No entanto, não havia um chamado enérgico de qualquer segmento da sociedade americana para restituir o serviço militar obrigatório. A razão para isso é o fato de os americanos estarem mais uma vez desgostosos com a guerra. A maioria dos americanos acredita que a guerra no Iraque é desnecessária, mal planejada e inadequadamente executada. Os americanos estão, também, encantados com sistemas de armas sofisticados e caros, que fazem crer na inverdade de que não são necessários efetivos maiores para o enfrentamento de guerras.

Depois da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos se tornaram uma potência responsável pela segurança, na Europa e na Ásia, de centenas de milhões de pessoas, portanto, fora de suas fronteiras geográficas. *O problema é que os americanos nunca reconheceram totalmente o que significava ser uma potência europeia*

e asiática, e nunca aceitaram completamente o fato de que tinham de ter forças terrestres significativas e prontas para a guerra desde o primeiro dia. Em consequência, os Estados Unidos não estavam bem preparados quando a guerra chegou e tinham de depender do serviço militar obrigatório para alcançar suas necessidades de elemento humano. Considere o seguinte:

- Em 1939, quando a Segunda Guerra Mundial começou na Europa, o Exército tinha menos de 190.000 homens. Quando a Segunda Guerra Mundial terminou em 1945, as forças terrestres do Exército dos EUA contavam com mais de 6 milhões de homens em 89 divisões. Isso foi o resultado de um Exército de conscritos.

- Em 1950, quando a Guerra da Coreia começou, o Exército dos EUA tinha menos de 600.000 homens, organizados em 10 divisões. Conforme o general Ridgway notou: “Estávamos, em resumo, em um estado de não prontidão vergonhoso quando a Guerra da Coreia estourou e absolutamente não havia desculpa para isso. A única razão para a existência de uma unidade militar é, em primeiro lugar, estar pronta para lutar no caso de uma emergência repentina, e nenhum ser humano pode predizer quando essa emergência surgirá. O estado de nosso Exército no Japão, quando da deflagração da Guerra da Coreia, era imperdoável.”⁴ Em 1952, no auge da Guerra da Coreia, o Exército dos EUA tinha 1.596.419 soldados, organizados em 20 divisões no serviço ativo. Esse Exército foi o resultado de um Serviço Militar Obrigatório, e com apenas algumas divisões a mais o Exército poderia ter parado os chineses ao norte do 38º paralelo e mantido a Coreia do Norte.

- Em 1961, na véspera da Guerra do Vietnã, o Exército dos EUA constava de 858.622 soldados, organizados em 14 divisões no serviço ativo, aproximadamente a metade de seu tamanho de dez anos antes. Em 1968, o ano da Ofensiva do Tet, o Exército dos EUA constituía-se de 1.570.343 soldados, organizados em 19 divisões no serviço ativo.⁵ Muitas lições surgiram do fracasso dos Estados Unidos em conseguir seu objetivo político de um Vietnã do Sul livre, contudo, uma dessas lições não deve ser a de que o Exército de civis-

soldados fracassou. Tática e operacionalmente, o Exército e o CFN dos EUA não foram derrotados no Vietnã.

Nas vésperas da primeira Guerra do Golfo Pérsico, a administração de George H. W. Bush estava no processo de redução das forças militares dos EUA. A Guerra Fria terminou e o povo americano estava para receber um “dividendo da paz”, principalmente à custa do Exército. A desmobilização parou, temporariamente, para travar uma guerra convencional no Iraque. Depois da guerra, a desmobilização continuou, e o Exército diminuiu de uma força de quase 800.000 soldados para menos de 500.000 e de 16 para 10 divisões.

Quando George W. Bush assumiu a presidência, o Exército ainda contava com menos de 500.000 homens e mulheres, organizados em 10 divisões, mas, em 2001, sob o título de “transformação”, a nova administração Bush começou a desenvolver planos de diminuir o Exército em mais duas divisões. Os atentados de 11 de Setembro botaram um fim nesses planos, e, em vez disso, a administração se preparou para a guerra no Afeganistão.

Por todo o século XX, o Exército dos EUA esteve, repetidamente, com baixo contingente e mal preparado para as guerras que travou, e o serviço militar obrigatório se tornou necessário. Em cada caso, o Exército de cidadãos-soldados superou e atingiu as exigências da guerra e foi bem sucedido.

Os Argumentos e considerações da idéia contrária ao Serviço Militar Obrigatório

Por que a Nação não empregou o seu método tradicional de procura de potencial humano na situação atual? Alguns argumentos apresentam explicações políticas e militares, e outros promovem explicações sociais culturais e econômicas. As razões principais são as seguintes:

- A crença de que Ciência e Tecnologia é uma panaceia para todos os problemas humanos.
- A crença de que o serviço militar não deve interromper a inexorável busca de prosperidade e consumo cada vez maiores.
- A fragmentação da Nação em pequenas “tribos,” cada uma delas com o seu conjunto de valores, princípios e crenças.

- A crença de que a guerra limitada, assimétrica, que não está de acordo com a visão americana da guerra, não seja uma ameaça que exija a atenção e a participação do povo

Por todo o século XX, o Exército dos EUA esteve, repetidamente com baixo contingente e mal preparado para as guerras que travou, e o Serviço Militar Obrigatório se tornou necessário.

americano.

- A presumida inabilidade dos soldados conscritos de dominar as tecnologias e doutrinas requeridas para lutar no campo de batalha moderno, com sistemas de armamentos sofisticados, durante um único e curto período de serviço.

- A difundida preferência por soldados profissionais, que são mais consistentes e confiáveis, que não restringem o alcance de ação de seu líder e que minimizam o envolvimento do público na luta.

Sem dúvida, esta lista de argumentos é incompleta, e estes argumentos não são mutuamente exclusivos, mas é importante entendê-los.

Ciência e Tecnologia. Após a Segunda Guerra Mundial, com o desenvolvimento do bombardeiro pesado e a doutrina estratégica de bombardeio, o poder aéreo se tornou uma panaceia, a solução para evitar o morticínio que ocorre quando dois grandes exércitos se confrontam em uma batalha terrestre. Durante a Segunda Guerra Mundial, alguns argumentaram que o poder aéreo era uma tecnologia que venceria a guerra.

Em 1948, após testemunhar duas bombas atômicas que trouxeram o final da guerra contra o Japão, Eisenhower pronunciou enfaticamente a nova visão americana da guerra:

Em um instante, muitos dos velhos conceitos de guerra foram eliminados. Daqui em diante, ao

que parece, o propósito de uma nação agressora será armazenar bombas atômicas. Mesmo as ruínas bombardeadas da Alemanha fornecem apenas um débil aviso do que as guerras futuras poderiam significar para o povo da Terra.⁶

Esse foco no poder aéreo era evidente em 2003, na doutrina do “choque e pavor”, onde se supunha vencer a guerra no Iraque sem o envolvimento de um número significativo de forças terrestres dos EUA. Supunha-se que a invasão iria demonstrar o acerto da mais recente “revolução nos assuntos militares.” O desenvolvimento das tecnologias da informação, aeronaves *Stealth* e armamentos de precisão produziram a doutrina estratégica conhecida como “guerra centrada em redes” e a doutrina operacional de “choque e pavor” para eliminar ou reduzir ao mínimo o uso de soldados.

Infelizmente, o Pentágono estava errado novamente. É duro ver a revolução em assuntos militares nas atuais operações no Iraque e Afeganistão. Os profetas do poder aéreo e da tecnologia contribuíram de novo para um desastre, que as forças de combate terrestres tiveram que consertar.

Abundância e consumo. Leve em consideração as palavras de Andrew Bacevich:

Para os Estados Unidos, a busca da liberdade, como definido na era do consumismo, induziu uma condição de dependência — em bens e petróleo importados e no crédito. O principal desejo do povo americano, admitam ou não, é que nada deveria interromper seu acesso a esses produtos, petróleo e crédito. A intenção primária do governo dos EUA é de satisfazer esse desejo, feito em parte pela distribuição de facilidades em sua própria casa (com o Congresso assumindo o papel principal) e em parte por meio da busca de ambições imperialistas no exterior (predominantemente os ramos de negócios e executivos).⁷

^A *U.S. News & World Report* recentemente divulgou, “Os Estados Unidos estão incrivelmente endividados. O débito no mundo financeiro subiu de 21% de US\$3 trilhões do produto interno bruto, em 1980, para 120% de US\$13 trilhões do PIB em 2007, refletindo um incrível acúmulo de US\$30 de dívida para cada US\$1 de capital em muitas firmas.”⁸ A evidência de que a busca de abundância e maiores níveis de consumo domina o pensamento e as ações americanas

mais do que quaisquer outros empreendimentos é esmagadora.⁹ O consumo influencia todos os aspectos da vida americana, incluindo a capacidade da Nação de produzir soldados de combate. Em 2007, escrevi:

A cada década subsequente, a partir da última metade do século XX, o povo americano se tornou física e psicologicamente menos capaz de travar guerras. Nos anos 90, os departamentos do Corpo de Treinamento de Oficiais da Reserva (Reserve Officers’ Training Corps - ROTC) por todo o país reclamaram que os novos recrutas não conseguiam correr meia milha (0.8 km). Novos programas de treinamento físico foram iniciados para conseguir que possíveis candidatos alcançassem a mínima condição física exigida para o serviço, um padrão bem mais baixo do que o requerido para as unidades de infantaria do Exército dos EUA. Os recrutadores tiveram o mesmo problema.¹⁰

Isso é um assunto de Segurança Nacional, que só piorou desde o final da Guerra Fria. Esses problemas, embora identificados durante a Guerra da Coreia, atormentaram os serviços militares durante toda a Guerra do Vietnã. Em 1957, Robert Osgood escreveu:

Muito além do ódio moral da guerra, o medo da violência e da revolta da guerra serão certamente fortes entre um povo que passou a apreciar a ordem social e o bem-estar material, como os americanos. A guerra altera toda a escala social das prioridades de um esquema de vida individualista e materialista, de modo que a rotina diária de obter e gastar é subordinada ao bem-estar coletivo da Nação em centenas de formas dolorosas — da tributação à morte. Isso justifica a aversão emocional à guerra, brotando essencialmente dos motivos dos próprios interesses.¹¹

“Obter e Gastar” não são mais subordinados à guerra; eles, de fato, governam a conduta americana da guerra. A ausência de uma discussão nacional sobre o serviço militar obrigatório claramente indica que a Segurança Nacional é subordinada ao maior empreendimento americano, a busca de abundância e consumo.

Fragmentação. Alguns sustentam que os Estados Unidos não são mais uma entidade cultural coesa. A evidência da fragmentação da Nação é algo mais do que rumores. “De acordo

com geodemógrafos em Claritas, a sociedade americana hoje é composta de 62 tipos distintos de estilos de vida — um aumento de 55% sobre os 40 segmentos que definiram a população do EUA durante os anos 70 e 80.”¹²

Alguns acreditam que o povo ignoraria qualquer lei que requeresse o serviço militar nacional. O patriotismo, então, é mais retórica do que a realidade. Robert L. Palmer observa que:

O vínculo entre o soberano e o vassalo era burocrático, administrativo e fiscal, uma conexão mecânica externa do governante e governado, em forte contraste com o princípio induzido pela Revolução Francesa, a qual, em sua doutrina de cidadania responsável e soberania do povo, efetuou uma fusão quase religiosa do governo com o governado. O bom governo do Velho Regime era um que exigia pouco de seus membros, que os considerava como úteis, dignos e bens produtivos do estado, o qual, em tempo de guerra, interferia o mínimo possível com a vida

As responsabilidades que um dia pertenceram ao povo americano agora pertencem a empresas militares...

civil. O ‘povo bom’ era aquele que obedecia às leis, pagava seus impostos e era leal à casa no poder; não necessitava ter senso de sua identidade como povo ou unidade, como uma nação, nem ter responsabilidade por assuntos públicos ou obrigação de oferecer um esforço supremo em guerra.¹³

De forma argumentável, o termo “regime velho” fornece uma descrição precisa dos Estados Unidos na emergência do século XXI bem como dos novos Estados-Nação criados durante as revoluções francesa e americana.

A evidência de fragmentação é visível na recente conduta americana na Guerra. Empresas militares privadas têm tomado o comando de muitas responsabilidades que outrora pertenceram exclusivamente às forças militares.¹⁴ A guerra nos Estados Unidos se tornou um negócio lucrativo, o qual, de forma argumentável, ainda diminui mais

a necessidade de os americanos participarem dela. As responsabilidades que um dia pertenceram ao povo americano agora pertencem a empresas militares leais ao dólar, e não ao povo, ao governo ou ao Exército.

A estrutura estratégica da guerra limitada e assimétrica. Embora a Nação tenha lutado muitas guerras limitadas, o paradigma da guerra que ocupa o pensamento da maioria dos americanos é o da Guerra Civil e o da Segunda Guerra Mundial, ambas as quais demandaram uma mobilização total. O presidente Harry Truman observou o desejo americano por paz: “Americanos odeiam a guerra . . . Não se sabe de povo algum na história que tenha se desligado tão rapidamente do hábito da guerra. Essa impaciência é expressão de um ideal nacional enraizado profundamente de querer viver em paz.”¹⁵

• Os americanos têm, tradicionalmente, acreditado que:

• Os Estados Unidos são um Estado-Nação *singular*, não influenciado pelas leis que governam outras nações.

• A Guerra é um assunto sério, e que os Estados Unidos *não* devem participar dela sem motivo.

• As Guerras de grande porte são um empreendimento nacional envolvendo os recursos da Nação.

• Deveríamos conduzir guerras de uma maneira profissional, eficiente, inexorável, e trazê-las a um final rápido, decisivo e bem sucedido.

• A guerra deveria ser estratégica e doutrinariamente ofensiva e curta.

• Seus objetivos deveriam ser a destruição do Exército principal do inimigo, seguido pela ocupação do país, e sua transformação política, econômica, social e cultural.

• O objetivo pós-guerra é mudar o Estado derrotado para um que tenha mais semelhança com os Estados Unidos: uma democracia capitalista.

• A guerra é luta; a luta deveria começar tão cedo quanto possível e prosseguir contínua e agressivamente até que os Estados Unidos conseguissem a vitória.

• Não há nada que os americanos não possam conseguir quando estão completamente mobilizados.

- A identidade do inimigo deveria ser determinada, sua posição certa e suas forças visíveis e desejosas de aceitar a batalha.

- A luta deveria produzir um progresso demonstrável e resultados decisivos.

- Soluções de concessão não são americanas e não justificam o custo humano da guerra ou não alcançam os objetivos políticos da Nação, os quais são absolutos.

- As exigências da batalhas deveriam ditar o curso e a conduta da guerra e reduzir a perda de vidas. Os assuntos políticos não deveriam interromper o uso eficiente da força e o rápido prosseguimento da guerra.

Os americanos acreditam na igualdade de sacrifício — na distribuição justa do peso da guerra entre a população adulta. Eles acreditam que o capital humano da Nação é o seu recurso mais precioso e que, enquanto americanos estão lutando e morrendo, nenhum outro recurso deveria ser poupado para trazer a guerra a uma conclusão rápida e bem sucedida. Os americanos gostam de travar guerras altamente organizadas, sistemáticas, baseadas em tecnologia e equipamento militar. Acreditam que a guerra é uma aberração que subverte o princípio de que o homem não é um meio para alcançar o objetivo e que a meta é a busca da felicidade.

Os americanos acreditam em agir unilateral e agressivamente e que a guerra prolongada é antipatriótica e potencialmente danosa à democracia americana. Os americanos não aceitam a derrota. Eles aumentam o esforço, empregam mais recursos, improvisam, adaptam e procuram novas soluções. Infelizmente, poucas guerras se parecem com isso.

A bomba atômica criou uma guerra moderna e limitada. As armas nucleares destruíram o princípio de Clausewitz de que a guerra é a continuação da política por outros meios. Não há nada de consequência política para discutir após uma troca de ataques nucleares entre os grandes poderes. O domínio americano em forças convencionais pôs fim a esse tipo de guerra, pelos menos em um futuro próximo. Dessa forma, a cultura da guerra americana estratégica não se aplica ao ambiente atual.

Se os americanos não podem travar o tipo de guerra que se propõem a travar, eles não lutarão de modo algum. Por conseguinte, isso explica a

retirada do Vietnã antes da missão estar completa e a irritação com George H. W. Bush por não ter ido até Bagdá na primeira Guerra do Golfo. Portanto, a falta de discussão sobre o Serviço Militar Obrigatório, principalmente hoje, quando forças terrestres dos EUA estão sobrecarregadas, travando duas guerras simultaneamente, é nitidamente antipatriótica.

Soldados não podem dominar a tecnologia e a doutrina da guerra moderna. Essa premissa é demonstravelmente falsa. A maior parte dos americanos pode dominar as tecnologias e doutrinas necessárias para lutar efetivamente no campo de batalha moderno em um ano. Assim, com um compromisso de dois anos, as Forças Armadas ainda teriam outros 12 meses para empregar os soldados conscritos na guerra ou em outras funções no exterior. Em um ou dois anos, a maior parte das pessoas pode obter um mestrado numa boa universidade. Certamente, um indivíduo pode dominar o uso de armas básicas e aprender como operá-las como parte de uma equipe em um ano. Em doze meses, um americano típico pode satisfazer os requisitos rigorosos de treinamento requeridos para se desempenhar como parte de uma unidade de combate efetiva. O problema real de hoje, que não foi encarado por gerações passadas, é obter jovens americanos na requerida condição física.

A falta do serviço militar obrigatório dá aos líderes maior liberdade de ação. O uso de forças regulares livra o povo americano da guerra, além de diminuir enormemente o seu papel na decisão política de participar da mesma e em decisões relativas à sua conduta. Sem o Serviço Militar Obrigatório, os líderes políticos e militares podem ser menos sensíveis ao povo americano. Neutro, desmotivado, e em muitos casos desinteressado, o povo americano não tem voz nas decisões feitas pelos líderes políticos e militares. Eles não estão envolvidos na luta. Com uma força militar completamente voluntária, os responsáveis não devem explicações ao povo americano como em guerras anteriores. Como Bacevich explica, “A verdade é que generais e almirantes de quatro estrelas olham o cidadão-soldado como uma dor de cabeça.”¹⁶ Desde o final do serviço militar obrigatório, o Exército se tornou mais parecido com o Corpo de Fuzileiros Navais, uma pequena força de luta de elite,

altamente treinada, e ao mesmo tempo, *menos representativa* do povo americano.¹⁷

Muitos acreditam que não foram as Forças Armadas, mas o desejo do povo americano, que resultou no fracasso na Guerra do Vietnã. O espectro do Vietnã ainda influencia as decisões em Washington. A vontade do povo foi eliminada da Operação *Desert Storm*, e, de forma questionável, não é mais um fator a ser considerado nas guerras americanas. Na opinião da Casa Branca e do Pentágono, isso é o ideal. No entanto, os líderes políticos e militares são limitados. Eles se concentram muito no nível operacional da guerra para notarem o vasto ambiente operacional.

Como Bacevich argumenta, ser um americano significa que podemos consumir mais do que qualquer outro povo na Terra, dirigir carros, beberem gasolina, morar em casas maiores, usar mais crédito, acumular mais débito e comer mais do que outras pessoas? É isso o que a exclusividade americana significa? A lição da Roma Republicana se eleva agora para nós:

Entre os séculos iniciais da expansão da República, quando a concessão de cidadania

era mais uma vez usada como forma de manter o estado unido, a cidadania era essencialmente um prestígio, que transmitia certos poderes legais ou benefícios. Também era uma exigência moral que, fora da crença ética e prática histórica ou contemporânea, colocava ante o homem a agenda de suas responsabilidades para com a Pátria.

Historicamente, a cidadania convocava ao pagamento de tributos; agora, Roma estava tão rica que esses tributos não eram mais requeridos. Além disso, essa mesma prosperidade aboliu o serviço militar, que todos os romanos deviam à sua Pátria. Cidadãos mercenários recrutados das classes baixas [e estrangeiros] agora preenchiam as fileiras e davam sua lealdade a Mário, Sula, ou outro general, político [ou corporação], que lhes prometia um bom pagamento e benefícios de aposentadoria.¹⁸

É isso o que nos tornamos? Estamos seguindo o caminho de declínio pavimentado pelos romanos?

Nossa Realidade Estratégica

As Forças Armadas dos EUA, especificamente o Exército e o Corpo de Fuzileiros Navais, são muito pequenas para fazer tudo o que lhes é



O sargento R. Scott Gianfrancesco, do Exército dos EUA, conversa com os estudantes da escola de ensino médio Wilkes Central sobre a carreira militar, no município de Wilkes, Carolina do Norte, em 30 de abril de 2008.

Foto AP. Jason E. Miczek

exigido e estão concentradas nas ameaças erradas, ou seja, nas ameaças de menor importância. Os Estados Unidos precisam reinstalar o serviço militar obrigatório e reorientar seus maiores recursos nas grandes ameaças, como quando for o caso de um confronto com outras nações do mundo. É um assunto de Segurança Nacional. O gasto de 10 bilhões de dólares por mês no Iraque é irresponsável. O gasto de um bilhão de dólares em uma aeronave é imperdoável, irresponsável e absurdo. Os argumentos contra o Serviço Militar Obrigatório não são tão fortes quanto os argumentos a favor dele. Eu creio que, se o povo americano possuir a informação pertinente sobre as ameaças de hoje e da condição do Exército e do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, responderá dentro do seu dever, se não de uma maneira entusiasmada, pelo serviço militar obrigatório.

As consequências de manter a política atual são destinar o Exército e o Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA ao estado de deterioração na condução de operações de combate convencionais, ofendendo o povo a quem servem, e sofrendo de síndrome de estresse pós-traumático, problemas familiares, divórcios e uma taxa crescente de suicídios. Os riscos para o país são a derrota no Afeganistão, Iraque, ou em alguma outra parte do mundo; a inabilidade de confrontar a China e a Rússia com forças dissuasivas confiáveis, que desestimulem o aventureirismo; e a inabilidade de enfrentar agressões, exceto no caso de armas nucleares. Outra vez, Riesenbergs nos lembra que:

Para a cidadania, as paixões normalmente dedicadas a si mesmo e à família são guiadas a um

propósito mais alto, o bem público. A cidadania sobreviveu por tanto tempo e serviu em muitos ambientes políticos por causa de seu grande desafio inspirador para os indivíduos de fazer a vida melhor para seus vizinhos, compatriotas e, assim agindo, fazer a sua própria vida mais nobre. Tal aspiração fez sentido aos gregos e romanos em suas cidades, bem como faz sentido para nós, hoje, em nosso ambiente muito diferente.¹⁹

A guerra no Iraque não valeu a pena pelos recursos que os Estados Unidos dedicaram a ela. Todavia, agora que estamos lá, agora que iniciamos a guerra baseada em “falsa inteligência” e que destroçamos aquele país, o problema não é mais um assunto sobre recursos. Nós temos obrigações. Temos de lidar com a situação que agora encaramos, e a situação requer um Exército significativamente maior. O que não podemos absolutamente fazer é deixar o Iraque da forma como deixamos o Vietnã.

Tom Brokaw cunhou o termo “A Melhor Geração” para caracterizar a geração de americanos que sofreram e viveram por toda a Grande Depressão, lutaram na Segunda Guerra Mundial e tomaram uma posição inicial contra o surgimento do comunismo internacional. Essa geração não era grande pelo quanto consumia, ou de quão grandes eram os carros e casas que possuía, ou quanto crédito usava. Era grande por causa do caráter de seu povo e de seus líderes. Daqui a cinquenta ou sessenta anos, como chamarão a nossa geração? “A Geração Eu?” A vida é um teste de caráter. Estarão os Estados Unidos sofrendo de uma insuficiência de caráter? **MR**

REFERÊNCIAS

1. BACEVICH, Andrew, *The Limits of Power* (New York: Henry Holt, 2008), p. 173.
2. CASEY, General George W., “Chief of Staff of the Army Statement on the Army’s Strategic Imperatives,” perante o Senate Armed Services Committee United States House of Representatives, 15 de novembro de 2007.
3. LEWIS, Adrian R., *The American Culture of War* (New York: Routledge, 2007), p. 36.
4. RIDGWAY, Matthew, *Soldier: The Memoirs of Matthew B. Ridgway* (New York: Harper, 1956), p. 191.
5. O Centro de História Militar do Exército dos EUA forneceu os dados sobre a força de recursos humanos e o número de divisões.
6. EISENHOWER, Dwight D., *Crusade in Europe* (New York: Doubleday, 1948), p. 456.
7. BACEVICH, 173.
8. ZUCKERMAN, Mortimer B. Editor-in-Chief, *U.S. News & World Report*, 27 October 2008, p. 92.
9. LEWIS, 29.
10. *Ibid.*, 31, 32.
11. OSGOOD, Robert, *Limited War* (IL: University of Chicago Press, 1957), p. 33.
12. WEISS, Michael J., *The Clustered World* (Boston: Little, Brown and Company, 2000), 10.
13. PALMER, Robert R., “Frederick the Great, Guibert, Bulow: From Dynastic to National War,” *Makers of Modern Strategy* (New Jersey: Princeton University Press, 1986), 92.
14. Veja SINGER, Peter W. *Corporate Warriors: The Rise of the Privatized Military Industry* (Ithaca, NY: Cornell University Press, 2003); e RASOR Dina and Robert Bauman, *Betraying our Troops: The Destructive Results of Privatizing War* (New York: Palgrave, 2007).
15. TRUMAN, Harry, *Memoirs of Harry S. Truman 1945*, vol. 1 (New York: Da Capo, 1986), p. 506.
16. BACEVICH, p. 153.
17. Simultaneamente, o Corpo de Fuzileiros Navais se desenvolveu para parecer mais com o Exército dos EUA. À medida que seu orçamento se expande, à proporção que adquire mais máquinas, e conforme a sua tecnologia se torna mais sofisticada, necessariamente obtêm mais gerenciadores de guerra e mais técnicos de guerra que substituem os guerreiros heroicos.
18. REISENBERG, Peter. *Citizenship in the Western Tradition* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1992).
19. *Ibid.*, xi.